

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**NAYANE TEODOLINO LUCAS CRUZ**

**O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA  
CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo bibliográfico**

**NATAL/RN  
2017**

NAYANE TEODOLINO LUCAS CRUZ

**O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA  
CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo bibliográfico**

Artigo científico apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção de título de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Dias

NATAL/RN  
2017

**NAYANE TEODOLINO LUCAS CRUZ**

**O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo bibliográfico**

Artigo científico apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção de título de licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 28/06/2017.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Dias  
(Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRN)  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marisa Narcizo Sampaio  
(Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRN)  
Primeira Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Margareth Pereira Dias  
(Secretaria Municipal de Educação de Natal – SME)  
Segunda Examinadora

# O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo bibliográfico

Nayane Teodolino Lucas Cruz<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo tem como finalidade apresentar a relação entre o desenvolvimento psicomotor e o processo de aprendizagem da criança da educação infantil de zero a seis anos. Para isso, utilizei como metodologia um estudo bibliográfico da psicomotricidade e da educação infantil. Elenquei alguns autores que abordam tanto o desenvolvimento psicomotor, quanto a aprendizagem da criança nessa faixa etária, assim elaborei o estudo a partir das concepções de LE BOULCH (1982, 2008), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – BRASIL (1998), FONSECA (2008) que aborda as concepções de Henri Wallon, além de demais autores que contribuíram para a elaboração e desenvolvimento deste estudo bibliográfico. Desse modo, o estudo está dividido em um breve histórico sobre a educação infantil no Brasil, a importância do desenvolvimento psicomotor na visão de Le Boulch e de Henri Wallon, bem como a relação entre o desenvolvimento psicomotor e o eixo movimento na educação infantil. Concluí com a compreensão da importância de desenvolver práticas que envolvam o ato motor e o processo cognitivo, para que amplie as possibilidades de aprendizagem da criança, não dissociando o corpo da mente, mas sim, tendo um olhar integral sobre a criança da educação infantil e seu desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento psicomotor. Educação infantil. Processo de aprendizagem.

## Abstract

The purpose of this article is to present the relationship between psychomotor development and the learning process of children early childhood education from zero to six years. For this, we use as methodology a bibliographic study of psychomotricity and early childhood education. We seek some authors that approach both the psychomotor development and the learning of the child in this age group, so we elaborated the study from the conceptions of LE BOULCH (1982, 2008), National Curriculum framework for early Childhood Education - BRASIL (1998), FONSECA (2008), which deals with the conceptions of Henri Wallon, besides other authors who contributed to the elaboration and development of this bibliographic study. Thus, the study is divided into a brief history of early childhood education in Brazil, the importance of psychomotor development in the view of Le Boulch and Henri Wallon, as well as the relationship between psychomotor development and the movement axis in early childhood education. We conclude with the understanding of the importance of developing practices that involve the motor act and the cognitive process, so as to expand the child's learning possibilities, not dissociating the body from the mind, but rather having an integral view of the child in early childhood education and development.

**Keywords:** Psychomotor development. Child education. Learning process.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia Presencial da Universidade Federal do Rio Grande do Norte | [nayanny92@hotmail.com](mailto:nayanny92@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Nos primeiros anos de vida, a criança tem a possibilidade de se desenvolver de forma integral, através da interação com o meio físico e social no qual está inserida. Assim, a inserção da criança na educação infantil é um fator importante para esse desenvolvimento, pois possibilita a interação entre o meio e o outro, promovendo assim o desenvolvimento e a aprendizagem da criança durante os primeiros anos de vida.

Compreende-se que durante a Educação Infantil, a criança tem a oportunidade de desenvolver-se de forma significativa numa perspectiva cognitiva e motora, para tanto é importante criar um ambiente propício com atividades lúdicas e prazerosas, para que haja um bom desenvolvimento do ensino e aprendizagem da criança atrelado ao desenvolvimento psicomotor. Contudo, apesar de se perceber algumas discussões que acontecem diante do assunto abordado, ainda há pouco estudo sobre a prática e suas relações, no sentido de serem trabalhadas e desenvolvidas em consonância.

Dessa forma, compreendendo que a escola tem um papel fundamental na formação da criança e no seu desenvolvimento: motor, cognitivo, afetivo e social; possibilitando mecanismos para o desenvolvimento e envolvimento da criança durante atividades que envolvam o estímulo do corpo e da mente; o estudo sobre essa temática se consoma de grande relevância para a área da educação.

Ainda é importante salientar que o interesse por este estudo surgiu a partir de observações durante o estágio não obrigatório no Centro Municipal de Educação Infantil Doutora Zilda Arns e na atuação como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/UFRN, bem como no Centro Municipal de Educação Infantil Antônia Fernanda Jalles. Durante esses dois períodos, foi possível observar as crianças ativas, que estavam sempre em movimento, que costumavam correr, pular e escalar brinquedos altos, apresentavam de forma significativa um bom desenvolvimento durante o processo de ensino e aprendizagem.

E para compreendermos essa relação, analisei o desenvolvimento psicomotor com base no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) optei pelo eixo movimento, que por sua vez orienta o professor da educação infantil a utilizar o movimento com o facilitador de aprendizagem durante o desenvolvimento da criança na educação infantil. Assim, diante das concepções de Henri Wallon, o RCNEI destaca que:

O movimento para a criança pequena significa muito mais do que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaço. A criança se expressa e se comunica por meio dos gestos e das mímicas faciais e interage utilizando fortemente o apoio do corpo. A dimensão corporal integra-se ao conjunto da atividade da criança. O ato motor faz-se presente em suas funções expressiva, instrumental ou de sustentação às posturas e aos gestos. (BRASIL, 1998, p. 18)

Nesse sentido, a educação psicomotora deve ser praticada na vida da criança desde os primeiros meses de vida, criando possibilidades de aprendizagem para a criança, que futuramente não precisará ser corrigida, já que foram bem estruturadas durante esta primeira parte da vida.

Nesse caso é preciso enxergar a educação psicomotora como uma das bases para a educação infantil. Com ela, podemos condicionar os aprendizados pré-escolares e escolares, considerando que a criança da educação infantil, por ainda estar em desenvolvimento, experimentam por meio de vivências o corpo como um lugar de aprendizagem, assim, a exploração à educação psicomotora possibilita “a criança a tomar consciência do seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilmente a coordenação de seus gestos e movimentos” (LE BOULCH, 1992, p. 24 e 25). Com isso, possibilitamos que a criança mediante o conhecimento do seu corpo amplie as possibilidades durante esse processo de aprendizagem.

Assim sendo, o objetivo dessa pesquisa buscou compreender a relação entre o desenvolvimento psicomotor e o processo de aprendizagem da criança na educação infantil, bem como enfatizar a importância do professor como mediador nesse processo; identificar a relação da educação infantil com o desenvolvimento psicomotor; e reconhecer a bibliografia que tratam desse assunto.

Para isso, será realizado um estudo bibliográfico elencando materiais de autores que transitam pelo desenvolvimento psicomotor e pela educação infantil, bem como documentos que embasam a teoria e prática na educação infantil.

O estudo está dividido em três capítulos, no qual o primeiro apresenta um estudo sobre a educação infantil, como ela surgiu e a sua importância para a formação da criança enquanto um ser em formação. O segundo capítulo aborda um estudo bibliográfico sobre o desenvolvimento psicomotor, a importância do desenvolvimento psicomotor para a educação infantil das crianças de zero a seis anos, em que trazemos as ideias de Henri Wallon e Jean Le Boulch, focando na relação das crianças da faixa etária da educação infantil com o desenvolvimento psicomotor, bem como as relações com o movimento na faixa etária da educação infantil. E por fim, o terceiro capítulo apresentarei os resultados desse estudo e as contribuições para o desenvolvimento da criança na educação infantil.

## 2 A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A partir da Revolução Industrial como um marco econômico e social, na qual as mulheres começaram a trabalhar, houve a necessidade de incluir a criança em locais que elas pudessem ser acolhidas durante o período em que a mulher estava no mercado de trabalho. Assim, surgem os primeiros jardins de infância (DIAS, 2015).

A educação infantil no Brasil surgiu inicialmente com caráter assistencialista, diante da inserção da mulher no mercado de trabalho com o intuito de complementar a renda familiar. FONSECA (2016, p. 15 apud Carvalho e Carvalho 200?, p. 68,) afirma que: “[...] a expansão da educação pública de crianças menores de seis anos, tanto em creches como em jardins de infância, foi se dando lentamente”. Essa expansão só acontece no final da década de 1970, é quando observa-se a ampliação das creches e pré-escolas no país diante de diversos fatores, sociais, políticos e econômicos. Portanto, passou a haver uma preocupação em regulamentar por meio de leis, de quem seria a responsabilidade de promover a educação assistencialista a essas crianças.

Com isso, a partir da Constituição Federal de 1988 surgem as primeiras leis que reconheceram diante dos órgãos governamentais o atendimento às crianças de zero a seis anos, passando a ser “um dever do Estado e um direito da criança (artigo 208, inciso IV). O Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, destaca também o direito da criança a este atendimento” (BRASIL, 1998, p. 11, vol. 1).

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), promulgada no ano de 1996 a Lei nº 9.394/96 estabelece o atendimento educacional às crianças de zero a seis anos, especificando alguns pontos direcionados a educação infantil. No Título III “Do Direito à Educação e do Dever de Educar” Art. 4º assegura que “O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: [...] IV - atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade”. Sendo dividida da seguinte maneira: as creches para as crianças de zero a três anos e as pré-escolas para as crianças de quatro a seis anos, sendo ambas “consideradas como instituições de educação infantil. A distinção entre ambas é feita apenas pelo critério de faixa etária” (BRASIL, 1998, p. 11, vol. 1).

Além disso, a LDB 9.394/96 na seção II da educação Infantil no Art. 29 estabelece a educação infantil como

[...] primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Assim, compreendemos que a educação infantil tem como finalidade promover o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade.

Já contemplando essa legislação, em 1998 é publicado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, documento que é dividido em três volumes. O volume 1 é um documento introdutório, que proporciona ao educador fazer uma reflexão sobre as creches e pré-escolas no Brasil, apresentando as concepções de criança de educação, de instituição e do profissional que vai atuar no ensino infantil.

O volume 2 apresenta ao educador um material sobre a *Formação Pessoal e Social* da criança, além de fundamentos que favorecem os processos de construção da identidade e autonomia das crianças, fatores estes de suma importância para o desenvolvimento da criança em todos os aspectos.

Por fim, o volume 3 refere-se ao âmbito das experiências de *Conhecimento de Mundo*, no qual encontramos seis desdobramentos que referem-se aos eixos trabalhados na educação infantil, que orientam o educador a construção de diferentes linguagens pelas crianças. Sendo esses: movimento; música; artes visuais; linguagem oral e escrita; natureza e sociedade; e matemática. Assim, esses eixos devem ser abordados e vivenciados pela criança, levando sempre em conta seus conhecimentos prévios, sua realidade cultural e social.

Assim, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil contribuem como um instrumento norteador para que os professores da educação infantil desenvolvam suas práticas educacionais considerando o desenvolvimento integral da criança. Conforme explicitado anteriormente, no terceiro volume. o RCNEI é dividido em eixos, dentre eles o *Movimento*, o qual orienta ao professor instrumentos que possibilitam às crianças da faixa etária da educação infantil desenvolver atividades de corpo e movimento, possibilita a interação com o mundo.

Ressaltando essa experiência, Fonseca (2016) afirma que:

é viável que a docência se atente ao fato que a criança explora vivências através do corpo desde seus primeiros meses de vida. É o corpo o verdadeiro lócus da aprendizagem e a estrutura que serve de suporte para ela (FONSECA, 2016, p.17).

Portanto, compete ao professor, enquanto mediador do conhecimento, possibilitar vivências com o corpo através do movimento, como um facilitador da aprendizagem da criança.



## 2.1 A CRIANÇA DE ZERO A SEIS ANOS SEGUNDO O REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

O atendimento educacional para as crianças de zero a seis anos é dividido em duas partes; entre as creches que atendem as crianças de zero a três anos e as pré-escolas que atendem as demais crianças de quatro a seis anos. Essa divisão surge a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.394/96 explicita no art. 30, capítulo II, seção II que: “A educação infantil será oferecida em: I - creches ou entidades equivalentes para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos”.

Assim sendo, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil também segue essa divisão, em que as crianças de zero a três anos têm o atendimento em creches com atividades desenvolvidas com objetivos específicos e, para as pré-escolas para as crianças de quatro a seis anos com objetivos específicos para a faixa etária diante do que essas crianças devem aprender. Alguns objetivos elencados pelo RCNEI (BRASIL, 1998, p. 27 e 28, vol. 2) para as crianças de zero a três anos estão:

- experimentar e utilizar os recursos de que dispõem para a satisfação de suas necessidades essenciais, expressando seus desejos, sentimentos, vontades e desagrados, e agindo com progressiva autonomia;
- familiarizar-se com a imagem do próprio corpo, conhecendo progressivamente seus limites, sua unidade e as sensações que ele produz;
- interessar-se progressivamente pelo cuidado com o próprio corpo, executando ações simples relacionadas à saúde e higiene;
- brincar;
- relacionar-se progressivamente com mais crianças, com seus professores e com demais profissionais da instituição, demonstrando suas necessidades e interesses.

E para as crianças de quatro a seis anos os objetivos são:

- ter uma imagem positiva de si, ampliando sua autoconfiança, identificando cada vez mais suas limitações e possibilidades, e agindo de acordo com elas;
- identificar e enfrentar situações de conflitos, utilizando seus recursos pessoais, respeitando as outras crianças e adultos e exigindo reciprocidade;
- valorizar ações de cooperação e solidariedade, desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração e compartilhando suas vivências;
- brincar;
- adotar hábitos de autocuidado, valorizando as atitudes relacionadas com a higiene, alimentação, conforto, segurança, proteção do corpo e cuidados com a aparência;
- identificar e compreender a sua pertinência aos diversos grupos dos quais participam, respeitando suas regras básicas de convívio social e a diversidade que os compõe.

Com isso, o RCNEI visa proporcionar o autoconhecimento, especialmente com o corpo, a autonomia da criança, a interação com as demais crianças, com os adultos da comunidade escolar, e com o meio social que ela está inserida. Compreende-se que o sujeito se desenvolve e interage de forma positiva quando o envolvemos em atividades com o corpo e, especialmente, quando interage com o outro e com meio.

Contudo, é preciso recordar que, inicialmente, as creches tinham como objetivo atender exclusivamente as crianças de baixa renda, com o intuito de resolver e amenizar a pobreza e, ajudar na sobrevivência dessas crianças. O atendimento assistencialista era de baixo custo, escassez de recursos, precariedade de instalações, além da falta de formação para os profissionais. Foram diversos fatores negativos que perduraram por muitos anos, prejudicando o desenvolvimento dessas crianças e saturando os profissionais com a falta de qualificação e de uma alta proporção de crianças por adultos (BRASIL, 1998, vol.1).

Diante disso, foi preciso rever pontos negativos vivenciados por anos e modificar essa educação assistencialista. Outro ponto a ser revisto eram os profissionais, que atuavam diretamente com as crianças das creches e pré-escolas, não possuíam uma formação adequada, baixa remuneração e trabalhavam sob condições precárias (BRASIL, 1998, vol. 1). Além disso, foi preciso repensar a concepção da criança, quais suas reais necessidades, compreender que ela era/é um ser integral e que precisava se desenvolver em seus aspectos, físicos, sociais, afetivos, emocionais e cognitivos. Para tanto houve

debates a respeito das diversas concepções sobre criança, educação, atendimento institucional e reordenamento legislativo que devem determinar a formação de um novo profissional para responder às demandas atuais de educação da criança de zero a seis anos (BRASIL, 1998, p. 39, vol. 1).

A Lei de Diretrizes e Base para a Educação dispõe de leis a artigos que regem a educação básica e superior, que beneficiam o educando e norteiam o educador em suas práticas. Além disso, norteia outros documentos sobre a educação. Para tanto, em relação à formação docente, a LDB 9.394/96, no título VI, art. 62 afirma que:

“A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal”.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil também vem com esse papel de assistir e nortear ao educador infantil, meios que proporcionem ao docente uma compreensão de

como desenvolver atividades que possibilitem o desenvolvimento integral da criança, nos aspectos cognitivos, afetivos, motores, além dos sociais e históricos. Assim, WALLON (apud Brasil, 1998) também propõe o estudo da criança por completo, elencando as atividades de cognição, afetividades e motoras.

Dessa forma, para WALLON (apud Brasil, 1998) o movimento seria um dos primeiros campos a desenvolver, servindo como base para os demais. A afetividade serve como mediador no processo de interação com o meio ambiente, pois a medida que o movimento proporciona experiências, ela responde através da emoção, facilitando assim, as relações sociais da criança. E a inteligência está relacionada diretamente ao raciocínio simbólico e à linguagem, pois ao desenvolver o jogo simbólico, a criança imagina algo que muitas vezes não está em seu campo visual e, simultaneamente, as habilidades linguísticas surgem, potencializando a capacidade de abstração.

Em relação a isso, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil busca apresentar ao educador as possibilidades de desenvolver práticas de ensino que relacione-se a tais práticas de forma conjunta, ampliando as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Em relação a isso, Dias (2012) esclarece que,

[...] quando não colocamos o corpo como elemento central em discussões pertinentes à pedagogia, provocamos um pensamento reducionista na formação do pedagogo e de um modo geral na ação do professor e das próprias instituições. (DIAS, 2012, p. 37)

Assim, ao promovermos a discussão sobre a importância de trabalharmos o corpo como um lugar de aprendizagem, contribuímos para a formação da criança, enquanto ser que está em constate aprendizagem. Portanto cabe às instituições educativas que recebem as crianças da educação infantil, designar um ambiente propício e acolhedor, que transmita confiança e segurança às crianças, para o desenvolvimento dessas práticas, além de promover práticas pedagógicas para o professor, através de formação continuada, a fim de proporcionar uma melhoria para o educando.

Esse capítulo serviu como um eixo introdutório para ampliarmos os olhares sobre a Educação Infantil, as leis e documentos que norteiam essa primeira etapa da educação básica. Baseando-se principalmente no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

### **3 O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR**

O desenvolvimento psicomotor é uma conexão entre o corpo e a mente em relação ao meio em que a criança vive. É um processo contínuo de aprendizagem motora, cognitiva e afetiva do

indivíduo durante o seu processo de amadurecimento e desenvolvimento psicomotor. Quando estimulamos a motricidade, o cognitivo, a afetividade, a criança consegue assimilar melhor os conteúdos trabalhados. Assim, ela tem a possibilidade de se desenvolver desde o nascimento, mas é preciso que todos os fatores (cognitivo, afetivos, motores) estejam no processo de maturação.

Portanto, a educação psicomotora deve ser praticada na vida da criança desde a mais tenra idade, de forma significativa, pois permite possibilidades de aprendizagem para a criança que futuramente não precisarão ser corrigidas, quando são bem estruturadas.

É preciso enxergarmos a educação psicomotora como uma das bases para a educação infantil. Com ela, podemos condicionar os aprendizados pré-escolares e escolares. A criança da educação infantil, por ainda estar em processo de aprendizagem, experimenta as possibilidades que o mundo oferece sem estabelecer o que é limite ou que é permitido. Assim, “a criança a tomar consciência do seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilmente a coordenação de seus gestos e movimentos” (LE BOULCH, 1982, p. 24 e 25). Com isso, permitimos que a criança através do conhecimento do seu corpo amplie as possibilidades durante esse processo de aprendizagem.

### 3.1 A CRIANÇA DE ZERO A SEIS ANOS E O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR SOBRE O OLHAR DE JEAN LE BOULCH

A criança da faixa etária da educação infantil, que corresponde à idade de zero a seis anos de idade tem a possibilidade de aprender e ampliar seus conhecimentos, quando desenvolvida de forma significativa. Assim, a escola tem o papel fundamental nesse processo, pois possui uma estrutura social estável que possibilita e promove a aprendizagem motora em todos os seus aspectos, com o intuito de ampliar as possibilidades de aprendizagem da criança bem como a autonomia. Assim, a criança “conquista a unidade e a coerência de sua pessoa corporal, psíquica e social” (LE BOULCH, 2008, p. 129).

Nos três primeiros anos de vida da criança, a família tem um papel fundamental em seu desenvolvimento, uma família afetuosa acaba favorecendo mais o desenvolvimento da criança, através da afetividade. Embora, infelizmente, saibamos que não são todas as famílias que estabelecem essa relação. Isso pode acontecer por diversos fatores, seja pela falta de tempo integral dos pais em casa, seja pela vida corrida que temos hoje, ou até mesmo pela nova conjuntura da vida social que vivemos.

Embora, hoje, tenhamos várias organizações familiares, Le Boulch (1982) retrata a mãe como uma figura fundamental para o processo de desenvolvimento da criança. Apesar de quando o autor tem como referência a mãe, ele não está apenas referindo-se à ela, pois é importante que possamos compreender as atuais organizações familiares, compreendo assim, que ele refere-se à figura materna, que tem a ligação direta com a criança, sendo essa figura sem distinção de gênero.

Para Le Boulch (1982), a figura materna tem um papel fundamental durante os primeiros anos de vida da criança. Nos primeiros meses, ela é a que tem mais contato com a criança, o contato corpo a corpo, que acontece através do banho, da amamentação e dos cuidados diários com o bebê. Através desse relacionamento afetivo com a figura materna, o bebê desenvolve a motricidade espontânea, comunicando-se por meio das expressões mímicas, que posteriormente será substituída pelas palavras.

O meio familiar ajuda à criança na construção física e social, dando-lhe autonomia em pequenas tarefas. A partir dos 15 meses, a criança já pode começar a segurar uma colher ou um copo; com dois anos de idade ela já adquire uma autonomia sobre esse processo, ela já consegue se alimentar sozinha, levando colheradas até a boca, segurando mais firme os talheres e copo. Embora ainda façam alguma sujeira derramando o alimento, mas tudo isso faz parte do processo de maturação da motricidade da criança.

Outro fator importante durante os primeiros anos de vida é o processo de locomoção da criança, para isso é necessário um espaço confortável e longe de objetos e móveis que atrapalhem, para que as crianças possam vivenciar suas experiências motoras de forma segura e confortável, possibilitando autonomia e segurança para a criança.

Com três anos de idade, a criança já está com a motricidade bem desenvolvida, está com a coordenação motora em ordem, tem autonomia para fazer atividades de locomoção com segurança, alimenta-se sozinha sem derramar o alimento ou líquidos, começa a vestir-se só e já controla as suas necessidades fisiológicas.

Nessa idade a criança utiliza o jogo simbólico como um mecanismo de expressão corporal e de movimento, através de imitação de personagens marcantes: heróis, professores, pais, etc. Isso possibilita à criança diversas atividades motoras e enriquece o repertório gestual. Além disso, as atividades cotidianas, tais como: “a alimentação, o banho, o vestir-se, a ajuda das crianças nos trabalhos domésticos [...], eventualmente o contato com a água, os diferentes materiais utilizados na escola maternal, propiciam experiências motoras”, aprimorando a coordenação motora da criança. É preciso salientar, que assim como nos primeiros meses de vida, a afetividade continua sendo um

mecanismo de aprendizagem, “favorecendo a expressão verbal e ligando a função simbólica à realidade exterior” (LE BOULCH, 1982, p. 90).

A criança de três a seis anos está no processo de evolução e da imagem, do seu corpo, assim ela adquire um caráter narcisista. Anteriormente a criança conhecia seu corpo por meio das percepções motoras e do conhecimento global, agora ele vivencia o corpo por meio das experiências vividas por elas, e a reconhecê-lo através da representação da sua imagem.

Nesse momento, as experiências com o espelho são de suma importância para o reconhecimento do corpo visual, com as atividades diárias, tais como, o banho que proporciona a criança esse reconhecimento do corpo, ao vestir-se a criança também está se reconhecendo através do toque. Pois primeiramente a criança se reconhece através das percepções motoras e das experiências do corpo vivido, com as quais ela começa a enxergar-se por meio da imagem visual, complementando o seu reconhecimento corporal.

As atividades corporais facilitam esse reconhecimento do eu, porém é preciso lembrar que nem toda atividade motora ou prática esportiva vivenciada pela criança, contribuirá para a formação e reconhecimento do corpo da criança. Por isso, é preciso pensar em práticas que favoreçam a realização e desenvolvimento das experiências corporais. Nesse caso, o educador tem um papel fundamental nesse processo, pois ele tanto pode contribuir de forma positiva, pensando e orientando as práticas que favoreçam a evolução da criança nesse processo de reconhecimento do corpo, como também pode dificultar esse processo, com atividades precoces e mal direcionadas. Assim, é preciso pensar em atividades lúdicas que beneficiem a criança durante esse processo de aprendizagem e descoberta.

### **3.1.1 A grafomotricidade**

Diante do olhar do autor sobre o desenvolvimento psicomotor de zero a seis anos, optei por direcionar a discussão sobre a grafomotricidade, pois a partir do desenho a criança se expressa e tem o primeiro contato com a representação gráfica. Assim, posteriormente, com a coordenação motora fina bem desenvolvida e articulada, que foi trabalhada primeiramente com o desenho, perceberemos o avanço na grafomotricidade, e assim, desenvolverá de forma significativa a escrita.

Na fase do desenvolvimento da escrita, algumas crianças sentem dificuldades no momento de segurar o lápis, colocando força sobre o papel, chegando a perfurar ou rasgar a folha. Isso porque

a criança ainda está no processo de desenvolvimento do tônus muscular. Assim, Le Boulch enxerga uma necessidade de promover habilidades motoras, para que a criança esteja sempre em movimento. Compete ao professor desenvolver atividades motoras que fortaleçam o tônus, ampliando as possibilidades para o desenvolvimento dessas habilidades.

O desenho e os primeiros traços do grafismo são fatores que contribuem para o desenvolvimento da criança e com a evolução dessa representação, com isso “a criança é capaz de representar, através de signos convencionais, figuras geométricas, letras e de evoluir o domínio gráfico cujo coroamento é a escrita” (LE BOULCH, 1982, p. 90).

A representação do grafismo é parte do desenvolvimento da percepção e compreensão da atividade simbólica; conforme cada etapa alcançada, a criança vai aprimorando o grafismo, por meio de signos não convencionais até chegar a escrita. Porém, até chegar a escrita há um processo de que no começo pode parecer difícil para a criança, mas aos poucos ela vai se aprimorando e conforme a coordenação motora vai evoluindo, a representação gráfica e os signos evoluem também.

Entre os dez e doze meses a criança começa com as primeiras tentativas de pegar o lápis e inicia as primeiras garatujas feitas ao acaso, sendo assim “verdadeiras descargas motoras incontroladas, [...] essas descargas se traduzem por zigue-zague ou linhas circulares”, muitas vezes com traços fortes ou leves demais (LE BOULCH, 1982, p. 90).

No segundo ano de vida, a atividade gráfica ainda está em desenvolvimento e acontece muitas vezes por meio de descargas tônicas. Assim, iniciam-se os primeiros traços intencionais, definindo e respeitando a delimitação da folha, por meio de traços espontâneos, para em seguida ela criar seus próprios traços. “A partir dos 2 a 2 ½ anos é que o controle visual vai exercer-se de forma mais precisa”, porém o progresso só será favorável para as crianças na medida em que a coordenação motora for desenvolvida, aprimorando a grafomotricidade viso-manual (LE BOULCH, 1982, p. 90).

Inicialmente, aos três anos a criança, já faz a representação figurada da sua imagem visual, através da sua assimilação e reconhecimento do corpo. Com isso, ela representa esse corpo por meio de uma figura circular com linhas irregulares dentro do círculo. Mais tarde, começam a aparecer as características físicas, nesse momento a criança acrescenta os olhos, o nariz e a boca, posteriormente aparecem os membros representados por traços finos no lado externo do círculo.

Com quatro anos, a criança já começa a perceber e representar o corpo distinguindo a cabeça do tronco, assim, ela representa a cabeça através de um círculo, com olhos, boca e nariz,

apresentando muitas vezes o cabelo. E em outro círculo representará o tronco, contendo os membros superiores e inferiores. Isso só acontece quando a criança tem a percepção do seu corpo e o reconhece através do toque, ao reconhecer as partes do corpo, além da experiência e reconhecimento desse corpo através do espelho.

Por conseguinte, aos cinco anos, a criança adiciona as mãos e os pés à sua representação gráfica, logo surgem os dedos das mãos. Nessa fase os membros partem com mais frequência do tronco, embora ainda é possível que eles surjam da cabeça.

E aos seis anos, essa representação gráfica já possui uma imagem visual mais concreta de si mesmo, apresentando no grafismo a suas características fundamentais, apresentando cada vez mais os detalhes.

É preciso ressaltar que é através do desenho que a criança tem seus primeiros contatos com o grafismo, para que, por conseguinte ela desenvolva a escrita. Por isso, é de suma importância explorarmos o desenho nessa fase, além das atividades motoras, para que facilite o desenvolvimento da escrita posteriormente.

É preciso deixar claro que embora tenha resolvido abordar esse processo até os seis anos, idade que compreende a educação infantil, é importante ressaltar que mesmo sabendo que algumas crianças de seis anos já se encontram no ensino fundamental I, não devemos ter um olhar diferente, em relação ao desenvolvimento psicomotor dessa criança, é preciso explorar essa percepção motora com essas crianças. Pois através desse processo da evolução do desenho a criança desenvolve e aperfeiçoa a tonicidade muscular e a coordenação motora fina, processo esse que facilitará o seu processo de alfabetização e letramento, dos seis anos em diante.

### 3.2 OS ESTÁDIOS DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE ZERO A SEIS ANOS NA CONCEPÇÃO DE HENRI WALLON

Para compreender melhor a formação da criança na faixa etária da educação infantil, a seguir serão retratadas as concepções de Henri Wallon, na visão de Vitor da Fonseca (2008), além de alguns autores que abordam a teoria de Wallon na perspectiva da educação, sobre o desenvolvimento da criança de zero a seis anos. Para que possamos compreender esse desenvolvimento psicomotor e a sua importância para ser trabalhada com as crianças da educação infantil nas creches e pré-escolas.



Para Wallon (1925, 1930, 1932, 1938, 1963, 1968, 1970, apud Fonseca 2008) a evolução da criança apresenta diversos fatores que contribuem para a sua formação. Sendo esses: metabólicos, morfológicos, psicotônicos, psicoemocionais, psicomotores e psicossociais. Diante dos estudos de Vitor da Fonseca (2008) sobre a teoria de Wallon, ele ressalta os estádios do desenvolvimento da criança dentro da perspectiva da educação infantil. Estádios esses: estágio impulsivo (recém-nascido); estágio tônico-emocional (dos 6 meses aos 12 meses); estágio sensório-motor (dos 12 aos 24 meses); estágio projetivo (dos 2 aos 3 anos); estágio personalístico (dos 3 aos 6 anos).

Entretanto, alguns autores quando estudados na pedagogia abordam alguns desses estádios em conjuntos, da seguinte forma: impulsivo-emocional (de 0 a 1 ano); sensório-motor e projetivo (de 1 a 3 anos) e o personalismo (de 3 a 6 anos). Isso porque a aprendizagem e o desenvolvimento da criança nesses estádios podem ser parecidos e algumas características relacionam-se com a outra.

É importante compreendermos que para Wallon, “a passagem de um estágio para o outro não é simples ampliação, mas sim uma reformulação no desenvolvimento” da criança. Além do mais, distingue os estádios como estilo particular do comportamento. Portanto o meio social em que a criança está inserida é um dos fatores primordiais para que haja essa evolução entre um estágio e o outro.

O primeiro estágio abordado por Wallon é o **impulsivo** que corresponde aos recém-nascidos, nessa fase os movimentos e os reflexos “são simples descargas de energia muscular [...] se apresentam sob a forma de espasmos descoordenados” (FONSECA 2008, p. 22). Nesse estágio, predomina-se as relações afetivas e emocionais no qual prevalece a interação com o meio. Além disso, a relação com o ambiente favorece a criança os sentimentos intraceptivos e os fatores afetivos. As atividades do bebê estão monopolizadas pelas necessidades primárias de sobrevivência, respiração, alimentação sono, afeto, etc. Nessa fase, o bebê a motricidade está basicamente voltada para a sucção e na preensão do seio da mãe, assim, o bebê depende das ações, posturas e cuidados dos outros.

Wallon (apud, Fonseca 2008) considera a criança um ser social diante da busca no outro a sua formação motora, ou seja, por agir através do outro. Diante dos seus reflexos, movimentos, e suas impulsividades motoras, é perceptível a integração dos movimentos com as primeiras modalidades de comunicação com o ambiente. Por isso, é de suma importância esse primeiro contato com a figura materna, pois proporciona a criança a construção e a formação do eu.

Nesse cenário, a motricidade começa a ser o centro de interesse da atividade do bebê e do seu bem-estar, e gradativamente vão sendo reduzidas e reguladas. Além disso:

Percebemos, a partir daqui, como a motricidade é o suporte comum e original de onde vão nascer as realizações da vida psíquica, e de onde nascerá uma simbiose entre as sensações intra e extra somática (FONSECA, 2008, p. 24).

Assim, a criança nesse estágio sensório-motor experimenta várias sensações do corpo, reconhecendo o mundo a sua volta através do olhar e do tatear.

No estágio **tônico-emocional** a criança ainda não se comunica de forma verbal, portanto, utiliza o corpo para comunicar-se, por meio de gestos e mímicas. Nesse estágio a criança já evolui da postura deitada para sentada, posteriormente começa a arrastar o corpo no solo, em seguida a locomoção quadrúpedes, elevando o corpo do solo. Assim, a criança segue com essa “evolução motora vertebrada”. Em relação a emoção, Fonseca (2008), destaca que,

A emoção é, no entanto, ainda um verdadeiro e quase único detonador da ação, ou seja, uma pré-linguagem de verdadeiro significado interafetivo e inter-social, na medida em que as expressões emocionais dependem da relação com os outros, principalmente a mãe, que é, de fato, um adulto socializado portador de cultura e seu peculiar transmissor. Só assim nos podemos aperceber, como Wallon (1930, 1950, 1963) considera a criança um ser social, genética e biologicamente (FONSECA, 2008, p. 25).

Através da interação e troca com os adultos, o bebê vai estabelecendo relações afetivas e motoras que contribuem para o seu desenvolvimento nesse estágio. E por meio dessa troca é perceptível o surgimento dos primeiros sinais de cognição na criança, além dos atos voluntários e dos traços de motricidade que começam a se desenvolver.

Em relação ao reconhecimento do corpo, nessa fase a criança começa a construir seu esquema corporal, por meio do toque e da percepção com as mãos, pés e boca. Diante disso, Fonseca (2008) esclarece que,

Em outro aspecto, mais relacionado com a constituição do esquema corporal, a criança recorre também às atividades circulares quando experimenta e estimula zonas erógenas do seu corpo, assumindo um interesse particular em apalpar e tocar nos orifícios do corpo para atingir efeitos cutâneos hedônicos. Desde a mão e os pés na boca às explorações com os órgãos genitais, etc., a noção e a consciência do corpo têm origem nestas reações circulares que antecipam os estágios sensório-motor e projetivo seguinte (FONSECA, 2008, p. 26).

A relação tônica e a emocional é para Fonseca (2008, apud Wallon) um fator crucial nesse estágio do desenvolvimento psicomotor, pois uma relaciona-se com a outra. A emoção está

acondicionada e moldada pela função tônica, sendo essa crucial para a vida afetiva do indivíduo. Assim, ao desenvolver a tonicidade a criança experimenta as emoções, que serão adquiridas posteriormente nos próximos estádios.

Aos poucos, a criança vai evoluindo a sua tonicidade, passando do estádio tônico-emocional e para o sensório-motor. Nesse terceiro estádio, a criança está no processo de maturação em relação às sensações, ações e emoções. Além disso, Fonseca (2008, p. 27) esclarece que agora “passa a novos encadeamentos de causa e efeito, provocando no outro novas disposições para satisfazer suas necessidades”. Portanto, a sua dependência com o outro passa a ter novos significados, pois cada vez mais a criança passa a ter sua independência motora, além de vivenciar e explorar o mundo ao seu redor, não só por meios motores, mas também pelos psíquicos. Fatores esses, que contribuirão para a construção e desencadeamento da atividade simbólica que será vivenciada nos estádios seguintes.

Segundo Fonseca (2008), ao explorar e reconhecer os objetos, a criança manipula o objeto e a si própria, tornando o objeto parte íntima do seu corpo, para isso, ela tende a utilizar as mãos, pés e boca, bem como o seu campo visual. Nessa relação da criança com o objeto, a criança “atinge efeitos que excitam emocionalmente e a encantam como autodescoberta” gerando sensações que agradam corpo e as emoções, tornando o meio de autoconhecer-se e explorar-se corporalmente. Consequentemente o objeto passa a ser um mecanismo para a sua apreensão visual, espacial, auditiva, bem como a linguagem, e posteriormente na motricidade.

Após esse reconhecimento dos objetos e do espaço à sua volta, a criança permite-se reconhecer novos meios de comunicação e de interação com o objeto. Ao mudar de posição do engatinhar para o sentar, consequentemente, para iniciar a marcha bípede, explorando o espaço a sua volta. Assim, a criança tem cada vez mais a possibilidade de desenvolver o cognitivo, facilitando no processo de aquisição da linguagem.

Diante disso, Fonseca (2008) ressalta ao dizer que:

A criança com a marcha e com a linguagem tem novas possibilidades para objetivar e concretizar os seus desejos e necessidades, ela acaba por se distanciar das ações e situações imediatas, pode agora prolongá-las no espaço e no tempo, pode recordá-las, rechamá-las, antecipá-las e imaginá-las (FONSECA, 2008, p. 29).

Embora a marcha favoreça a sua relação com o mundo exterior, é importante ressaltar que percebe-se também um progresso no processo de maturação na motricidade, tanto a global, quanto

na fina, bem como a oralidade. Fatores esses que contribuem de forma significativa no processo de desenvolvimento sensório-motor da criança.

Diferente do início do estágio do desenvolvimento **sensório-motor**, a criança não enxerga mais o objeto como parte intrínseca de si. Com o surgimento da função simbólica do objeto, a criança já diferencia o objeto de si própria, bem como dos outros, apenas apropriando-se dele. Para Wallon (apud Fonseca, 2008), nesse estágio a criança ao explorar e descobrir o mundo exterior, ela acaba descobrindo seu mundo interior. Para isso, Fonseca (2008, p. 30) diz que a criança designa de “uma consciência corporal que destaca o eu do não-eu, algo em que se constrói uma fronteira mental do ser”.

Embora aos 6 meses a criança mesmo que seja insensível a sua imagem, é importante desenvolver atividade e estimulá-las a se enxergar no espelho. Contudo esse reconhecimento será notado mais tarde, quando a criança fixar-se por sua imagem. Com 1 ano, ela já brinca e se diverte com a imagem refletida, interessam-se nos movimentos, gestos, mímicas, interagindo com sua imagem refletidas através no espelho. Aos 2 anos, quando já aproxima-se do estágio projetivo, já atribui para si mesma a imagem refletida no espelho, na qual envolve uma maturação no seu eu psíquico e personalístico, favorecendo a evolução para o estágio seguinte.

No estágio **projetivo**, os pensamentos, que agora são frequentes, se projetam em atos motores, deixando de se relacionar exclusivamente com a manipulação dos objetos no estágio sensório-motor que foi bem explorando e crucial para a evolução nesse estágio.

Com isso, Wallon acredita que a linguagem, a representação e à imitação são fatores primordiais para a evolução da criança no processo de aprendizagem nesse estágio. Assim, Fonseca (2008) evidencia que:

Além da marcha bípede e da linguagem, a imitação o simulacro e as reações em eco surgem, nesse período, como processos fundamentais do desenvolvimento psicomotor da criança. Todos induzem a atos que relacionam a motricidade com a representação, a ação com a imaginação (FONSECA, 2008, p. 31).

É evidente que o desenvolvimento psicomotor está relacionado diretamente no processo de aprendizagem da criança. Mas para que ele seja vivenciado de forma significativa para a criança, é preciso estimulá-las e propor meios que favoreçam essa aprendizagem.

A passagem de sensório motor para o psicomotor, dar-se através desse desenvolvimento do pensamento desenvolvido por meio da imitação. De tal modo, que a criança já possui capacidade

suficiente para dar significação ao símbolo, passando a encontrar uma representação para o objeto, por meio da imaginação para representar seu pensamento.

A linguagem passa a ser parte do pensamento da criança, assim ela vai aprimorando o seu vocabulário gestual a partir da representação da atividade mental. Portanto, a imaginação faz parte desse processo de evolução do pensamento da criança, por meio da imitação produzida com o corpo e a motricidade, a criança inicia o processo de socialização, através de instrumentos psicomotores. Logo a linguagem surge como uma mudança radical na forma em que a criança relaciona-se com o meio.

Portanto, a criança enquanto ser social, relaciona-se com o meio através das atividades relacionadas entre o corpo e a mente, logo a motricidade está relacionada e associada ao conjunto do funcionamento mental da criança, que conseqüentemente favorece o desenvolvimento e aprendizagem da criança, que será explanado no estágio seguinte.

Os estádios anteriores, a consolidação da consciência corporal e a aquisição da linguagem serviram como base para a construção da personalidade da criança. Assim, o estágio **personalístico** está voltado para o amadurecimento e a construção da personalidade da criança. Portanto, a passagem do ato motor para o ato mental atua-se por meio da representação do objeto vivido e representado nos estádios anteriores, bem como o reconhecimento do seu corpo vivenciado pelo ato motor.

Segundo Fonseca (2008, p. 32) “ao tomar consciência de si, a criança por se diferenciar do outro, e assume a constituição da sua personalidade.” Tomando, a partir de agora, a consciência de um ser psíquico, social e autônomo.

Diante dessa formação na condição de sujeito, a criança começa a utilizar o “eu” e o “meu”, instituindo-se de si próprio, mostrando uma evolução tanto na psicomotricidade, quanto na linguagem e sua da consciência, que favorece afirmação do eu. Assim, o estágio personalístico em seu desenvolvimento é marcado por três fases distintas que contribuem para a formação pessoal da criança. São elas: *oposição, sedução e identificação*.

A primeira fase, a da *oposição* caracteriza-se pela recusa e pelo prazer que a criança tem em contradizer e confrontar as pessoas, utilizando o “não” com mais frequência, isso para instigar cada vez mais a sua independência. Além disso, o sentimento de posse sobre objetos e brinquedos torna-se cada vez mais evidente, para isso a criança costuma usar a força, a mentira, a fantasia, elementos que façam conquistar o que deseja.

A segunda fase, a da *sedução* a criança necessita ser admirada e de sentir que agrada as outras pessoas, para isso ela tenta agradar com gracinhas, risos, até mesmo a timidez, etc., para chamar e merecer a atenção do outro. Assim, surge a necessidade da aprovação e exibição, confrontando-se muitas vezes com o sucesso do outro e com o próprio fracasso.

E por último, a fase da *identificação* caracteriza-se pela formação do personalismo da criança, identificando-se com personagens heroicos, pessoas que admira. Assim, a criança tende a desejar e apoderar-se das suas qualidades e atributos, buscando essas características do seu convívio familiar, escolar, ou seja, o convívio social que servirá para a formalização da sua personalidade enquanto ser social.

Desse modo, é compreensivo que a evolução de cada estágio representa um enriquecimento nos aspectos cognitivos, afetivos e motores, e cada atividade desenvolvida e vivenciada pela criança, contribui significativamente para a formação do eu, enquanto sujeito social. Por isso, a relação e interação social e emocional direcionam para a construção desse sujeito.

Diante dos aspectos educacionais, a escola tem um papel fundamental para o desenvolvimento de cada um desses estágios, embora a criança em grande parte seja inserida nas creches a partir dos seis meses, o professor tem um papel basilar nesse processo de evolução entre um estágio e para o outro.

Com isso Wallon (1975 apud Mahoney & Almeida, 2005) diz que a educação deve funcionar de forma integral, envolvendo as dimensões afetivas, cognitivas e motoras de forma associada para o melhor desempenho da criança. Assim, o professor deve enxergar o aluno na sua totalidade e concretude. De tal modo, a escola passa a ser essencial para a formação do aluno, pois nela a criança tem a possibilidade de interagir e aprender com o outro e com o meio social.

Conforme cada estágio é descrito, oferece ao professor elementos para uma reflexão, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais produtivo, além de proporcionar ao professor orientações para propor atividades que sejam significativas para o desenvolvimento da criança.

Wallon em sua teoria acredita que o meio social no qual a criança está inserida contribui de forma significativa para sua formação, assim Wallon, (1975 p. 164 apud Mahoney & Almeida, 2005, p. 17) esclarece que “o meio é um complemento indispensável ao ser vivo. Ele deverá corresponder a suas necessidades e as suas aptidões sensório-motoras e, depois, psicomotoras [...]”. Portanto o meio que a criança vive colabora para a formação pessoal, psíquica e motora.

É importante ressaltar que se essas dimensões – afetivas, cognitivas e motoras – não forem desenvolvidas de forma satisfatória, pode prejudicar e afetar o processo de ensino-aprendizagem do aluno, gerando dificuldades no processo de aprendizagem.

O ato motor oferece à criança possibilidades de deslocamento do corpo no tempo e no espaço, além das relações posturais que cooperam para a construção do equilíbrio corporal apoio tônica que está relacionado com as emoções. Em relação ao afetivo está relacionada diretamente as emoções e sentimento, além disso, a emoção é dos fatores primordiais para a evolução mental da criança. Quanto ao cognitivo oferece “funções que permitem a aquisição e a manutenção do conhecimento por meio de imagens, noções, ideias e representações” (MAHONEY & ALMEIDA, 2005, p. 18). Portanto esses três fatores contribuem significativamente para a formação da pessoa, sobretudo quando desenvolvidos em consonância.

Nas duas primeiras partes do capítulo 3 procurei, por meio de estudo, compreender um pouco da visão de Jean Le Bouch e Henri Wallon, sobre a criança na faixa etária da Educação Infantil e seu processo de aprendizagem. No próximo item, retrataremos o movimento na Educação Infantil, tomando como base o RCNEI, que consolidará essa compreensão entre o desenvolvimento psicomotor e a aprendizagem da criança da Educação Infantil.

### 3.3 O MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS RELAÇÕES COM O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR

Como descrito no capítulo anterior, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, dispõe de três volumes, no terceiro volume encontramos os eixos: **Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática**. Cada eixo desses dispõe de objetivos e conteúdos a serem desenvolvidos com as crianças de zero a três anos nas creches, e de crianças de quatro a seis anos na pré-escola.

É importante ressaltar que nenhum desses eixos é menos importante que os outros para a formação da criança enquanto ser social. Contudo, explorarei mais o eixo movimento, como um facilitador do processo de aprendizagem da criança na educação infantil.

O movimento é um fio condutor no processo de aprendizagem da criança, que acontece desde o nascimento e que vai amadurecendo e se desenvolvendo cada vez mais. Assim, a criança vai tendo controle sobre seu corpo através do movimento, ampliando as possibilidades de interação com o outro e com o mundo ao seu redor.

Durante a primeira infância, a criança constitui o conhecimento a partir da vivência com o corpo em movimento e de suas experiências corporais, comunicando-se por meio de gestos e mímicas faciais. Esses fatores são vistos, principalmente quando a criança ainda não se comunica através da linguagem oral, portanto ela fala com o corpo mediante dos movimentos voluntários e involuntários.

Desse modo, é importante propor a criança desde o berçário atividades de interação, que possibilitem a criança vivências que elas se expressem através dos gestos, mímicas e expressões corporais, a fim de facilitar o processo de aquisição da linguagem. Com isso, Wallon acredita que o movimento é de suma importância na estruturação do pensamento no período anterior à aquisição da linguagem.

Conforme a criança cresce e vai se desenvolvendo nos aspectos físicos, sociais, cognitivos e motores, adquirindo autonomia e se tornando cada vez mais independente sobre as possibilidades de vivência e experiências com o meio social. Porém, cabe ao adulto que acompanha esse desenvolvimento descobrir os significados dos gestos e movimentos, pois “a primeira função do ato motor está ligada à expressão, permitindo que desejos, estados íntimos e necessidades se manifestem” (BRASIL, 1998, p.18).

Durante o primeiro ano de vida, o movimento e a emoção estão interligados, especialmente nessa interação com o adulto. A criança utiliza principalmente a linguagem corporal como o meio de comunicação com os adultos e com as demais crianças, ela “imita o parceiro e cria suas próprias reações: balança o corpo, bate palmas, vira ou levanta a cabeça etc.” (BRASIL, 1998, p. 21, vol. 3). E é na expressividade e de movimentos como deitar, rolar e engatinhar que o bebê realiza conquistas na sustentação do corpo, para posteriormente ela possa andar com autonomia.

Assim, o professor tem um papel fundamental na formação da criança, pois através da afetividade, principalmente nos primeiros anos de vida, é primordial para o seu desenvolvimento. A escola, embora seja uma instituição em que seu papel principal seja o de ensinar, não pode limitar-se somente ao desenvolvimento intelectual, é preciso enxergar a criança em sua integralidade. Pois “o homem, e mais ainda a criança, é muito mais um ser de afetividade que de razão” (LE BOULCH, 2008, p. 120).

De um aos três anos de vida, a criança vai se descobrindo e se reconhecendo fisicamente, assim o trabalho com espelhos bem significativos tanto na teoria de Wallon quanto na de Le Boulch, pois permite a criança o reconhecimento do corpo, que é de suma importância durante esse processo, pois ela se reconhece através do reflexo e do toque. Nesse momento ao enxergar-se no



espelho a criança “toca-o e vira-o, como se quisesse tocar na sua imagem, brincando com ela e fazendo jogos de mímica e interação” (FONSECA, 2008, p. 30).

Além do mais, Fonseca (2008), diante das ideias de Wallon, descreve que:

Ao reconhecer a sua imagem refletida no espelho, a criança revela a compreensão de que sua imagem corporal pertence ao plano da sua representação mental, integrando simultaneamente, sensações, percepções e imagem de si [...] (FONSECA, 2008, p. 30).

Nesse período, a linguagem começa a aparecer e ser expressada, e por meio desse processo de interação ela vai se desenvolvendo e evoluindo. Na maioria das vezes, já começam a andar, e fascinam-se em locomover-se de um lado para o outro sem finalidade alguma, só para explorar o novo método de locomover-se. Essa locomoção ocorre devido ao

exercício dessa capacidade, somado ao progressivo amadurecimento do sistema nervoso, propicia o aperfeiçoamento do andar, que se torna cada vez mais seguro e estável, desdobrando-se nos atos de correr, pular e suas variantes (BRASIL, 1998, p. 22, vol. 3).

Durante esses três primeiros anos de vida, a criança, ao explorar o ambiente, seja no andar, seja no tocar com as mãos, a criança explora e pesquisa tudo que está ao seu redor. É movimentando-se que ela reconhece esses espaços, assim, o movimento é o primeiro sinal de vida psíquica, que surge ao nascer e permeia por todas as idades e campo. Além disso, passa a reconhecer o próprio corpo através das brincadeiras de faz de conta, ao ninar uma boneca no braço e ao se enxergar no espelho e brincar de imitação ou até mesmo o reconhecimento do próprio corpo.

As crianças de quatro as seis anos exploram a motricidade de forma diferente, havendo uma progressão nas atividades motoras, agora as crianças descobrem por sua vez o ambiente e as possibilidades que ele oferece para movimentar-se. Gradualmente a criança “reflete na capacidade de planejar e antecipar ações - ou seja, de pensar antes de agir - e no desenvolvimento crescente de recursos de contenção motora” (BRASIL, 1998, p. 24, vol. 3).

Nessa fase, as crianças também já exploram o ambiente e vivenciam as práticas corporais através dos jogos e brincadeiras de acordo com o meio social em que ela está inserida, sejam elas: nadar, correr, pular, jogar futebol, subir em árvores, entre outras. Assim, é possível compreender que a brincadeira faz parte do repertório infantil, variando conforme a sua cultura e o meio social no qual elas estão inseridas.

Segundo Fonseca (2008), nessa fase a criança está no processo construção da sua personalidade e no seu amadurecimento, assim, o jogo simbólico surge como um meio da criança

expressar e vivenciar essa fase. Ao imitar os super-heróis, familiares, professores e etc., utilizando da sua imaginação, a criança está tomando consciência de si e contribuindo para sua formação integral.

Desse modo, o jogo simbólico que é parte desse processo de desenvolvimento da criança, ao balançar o braço com se estivesse ninando uma criança, ao esticar-se para pegar um balão, gesticular, brincar de dar banho na boneca ou até mesmo em um animal, a criança está vivenciando suas experiências corporais e de movimento, além de explorar o “fortalecimento das funções intelectuais (do processo ideativo) reduz-se o papel do movimento na atividade cognitiva” a partir do jogo simbólico (GALVÃO, 1995, p. 73).

Além do mais, a partir dos quatro anos inicia o desenvolvimento da escrita, e o modo no qual as suas habilidades motoras foram desenvolvidas, contribuirão de forma significativa para a escrita posteriormente. Diante disso, Le Boulch (1982) aborda a grafomotricidade como uma das habilidades a serem desenvolvidas com as crianças nessa faixa etária.

Conforme abordado no capítulo anterior, a grafomotricidade é parte fundamental no processo de desenvolvimento da escrita da criança, que inicia com o desenho e através de seu aprimoramento servirá para o desenvolvimento da escrita e seu processo de alfabetização. Portanto as atividades com o desenho é parte fundamental para que esse processo seja vivenciado desde os primeiros anos de vida.

Por meio do estudo nesse capítulo, compreendi que ao estabelecer essa relação entre o ato motor e a afetividade, logo teremos uma ampliação nos processos cognitivos da criança. Pois, assim como Jean Le Boulch (1982; 2008) e Fonseca (2008, apud Henri Wallon), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998) propõe que ao desenvolver as práticas educacionais, o corpo não seja desvinculado da mente, que ambos sejam desenvolvidos em consonância. Uma vez que, através dessas práticas a criança amplia sua autonomia e as possibilidades durante o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, ao desenvolver as práticas corporais a criança estabelece relações com si própria e o com o outro, e é, também, por meio dessas relações que o processo de ensino e aprendizagem acontece.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento desse estudo bibliográfico contribuiu para compreender o desenvolvimento psicomotor e sua importância no processo de ensino e aprendizagem da criança na

educação infantil. Assim, abranger as relações que o desenvolvimento psicomotor tem com o processo de aprendizagem da criança.

Diante das ideias de Wallon, Izabel Galvão (1995, p. 48) destaca que “o movimento tem um papel fundamental na efetividade e também na cognição”. Portanto, compreender-se que o desenvolvimento de práticas corporais vivenciada pela criança durante desde a mais tenra idade até os seis anos, favorecem para o desenvolvimento psicomotor da criança, pois estimulando o movimento e a afetividade por meio da interação e de atividades que envolvam o corpo como lugar de aprendizagem, por conseguinte estimulamos também o desenvolvimento cognitivo da criança.

Esse estudo serviu para reafirmar a minha concepção sobre a importância de desenvolver em consonância as atividades motoras e cognitivas, pois quando trabalhados em conjunto ampliamos as possibilidades de aprendizagem da criança, visto que o corpo não deve ser dissociado da mente. Ao compreendermos a importância do movimento, criamos meios e ampliamos as possibilidades para que a criança se desenvolva nos seus aspectos: motores, cognitivos, afetivos e sociais. Assim, possibilitamos que elas vivenciem novas experiências entre o ato motor e o desenvolvimento cognitivo.

Por fim, é preciso termos novos olhares e estudos em que a Pedagogia possa dialogar com a Psicomotricidade, para ampliarmos as possibilidades de aprendizagem integral da criança. Embora este estudo tenha abordado especificamente a aprendizagem da criança de zero a seis anos, precisamos desenvolver essas práticas em toda trajetória escolar da criança e do adolescente, assim, esperamos que este estudo sirva como inspiração para outros educadores, que é possível promover uma educação em que a criança seja enxergada de forma integral e não apenas como um ser de depósito de conteúdos, mas um ser de amplas possibilidades.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Alda Judith. A “**revisão da bibliografia**” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis. Cap. Pesq. São Paulo, n° 81, p.53-60. Maio 1992.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. 1: Introdução; vol. 2: Formação pessoal e social; vol. 3: Conhecimento de mundo.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 5ª ed. Brasília, 2010.

CAMARGOS, Ellen Kassia de; MACIEL, Rosana Mendes. **A importância da psicomotricidade na educação infantil**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 1. Vol. 9. p. 254- 275, outubro / novembro de 2016. ISSN. 2448-0959. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/psicomotricidade-na-educacao-infantil>> Acesso em: 13 de março de 2017.

DIAS. Maria Aparecida. **O corpo na pedagogia de Freinet**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2012. – (coleção contextos da ciência)

DIAS. Maria Aparecida; NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. **Educação Física Infantil**. – Natal: EDUFRN, 2015. 192 p.: il.

DOURADO, Ione Collado Pacheco; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. Henri Wallon: psicologia e educação. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 5, p. 23-31, aug. 2012. ISSN 2316-3852. Disponível em: <[http://www.fics.edu.br/index.php/augusto\\_guzzo/article/view/110](http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/110)>. Acesso em: 18 mai 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.22287/ag.v0i5.110>.

FONSECA, Aline da Silva. **Pedagogia do Movimento: o corpo como lugar de aprendizagem na educação infantil**. Curso de Pedagogia. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN, 2016. 59 p.

FONSECA, Vitor da. **Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem**. Porto Alegre : Artmed, 2008. 584 p.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ; Vozes, 1995.

LE BOULCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos**. Trad. Por Ana Guardiola Brizolara. 7ª edição. Porto alegre: Artes Médicas, 1982.

\_\_\_\_\_. **O corpo na escola do século XXI: práticas corporais**. [tradução Cristiane Hirata]. – São Paulo : Phorte, 2008.

\_\_\_\_\_. Rumo a uma ciência do movimento humano. Porto Alegre : Artes Medicas, 1987.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo de ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. **Psicologia da educação**, São Paulo , n. 20, p. 11-30, jun. 2005 . Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 18 mai. 2017.

OLIVEIRA, Linda Marques de; BAGAGI, Priscilla dos Santos. **Psicomotricidade e desenvolvimento motor na pré-escola.** Revista Científica Eletrônica de Pedagogia. Ano VII – Número 13 – Janeiro de 2009 – Periódicos Semestral.

VAYER, Pierre. **O diálogo corporal:** a ação educativa para a criança de 2 a 5 anos. Tradução M. Ermantina Galvão Gomes Pereira. Aparecida - SP: Manole, 1989.